

TERAPIA AQUÁTICA

INDICAÇÕES, MÉTODOS E ESTRATÉGIAS

Ana Isabel Ferreira



12

A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA TERAPIA AQUÁTICA

UMA CAMINHADA PESSOAL E PROFISSIONAL

Ana Rita Matias

O ambiente aquático deve ser encarado como um meio no qual é possível criar um contínuo de necessidades para que se possa intervir, buscando uma maior proximidade multidisciplinar. Por outras palavras, pretende-se que cada profissional de saúde possa intervir em função da especificidade das necessidades do indivíduo em diferentes fases do respetivo processo terapêutico. Este poderá (sempre que possível) culminar com a transição do indivíduo para outras atividades aquáticas, tais como aprendizagem das técnicas de nado ou a hidroginástica.

Há vários profissionais a trabalhar neste meio, sendo que cada um utiliza as abordagens inerentes à sua formação. Estamos a falar de um mesmo meio e um mesmo corpo, razão pela qual podemos dizer que há algo de comum a todas as abordagens: dentro de água o corpo do terapeuta está comprometido com o do paciente. E é deste compromisso que surge a especificidade do trabalho na água.

Para tal é necessário haver, por parte dos profissionais de saúde e dos agentes educativos que os formam, a noção de complementaridade entre profissões.

FORMAÇÃO GRADUADA

Em Portugal, são três as licenciaturas que abordam a Terapia Aquática: Reabilitação Psicomotora, Terapia Ocupacional e Fisioterapia.

A intervenção psicomotora em meio aquático é uma forma de mediação corporal que passam pela sensorialidade e pela expressão criativa. São estes os primeiros vetores da simbolização (Potel, 2015). É uma abordagem que pretende promover o conhecimento que o indivíduo tem de si próprio, bem como do contexto em que se encontra inserido. Através da estimulação e reforço dos vários fatores psicomotores, pretende-se que o indivíduo alcance uma ação mais consciente, eficaz e adaptada (Matias, 2005), independentemente da sua condição clínica.

Relativamente à Terapia Ocupacional, disponibiliza uma perspetiva de ocupação do indivíduo ao nível dos autocuidados, do lazer e da produtividade, nos diferentes contextos onde está inserido (<https://www.ap-to.pt/index.php/apto>). Tal como a intervenção psicomotora, a intervenção na Terapia Ocupacional privilegia a atuação através do jogo, da atividade lúdica e nas atividades de vida diária.

Já a Fisioterapia em meio aquático visa a aplicação de técnicas específicas desta área, podendo ser aplicadas a diversas condições clínicas do foro neuro-musculoesquelético (<http://gifa.apfisio.pt/index.php>). Aproxima-se da Terapia Ocupacional na medida em que ambas pretendem melhorar as habilidades funcionais do indivíduo.

As três Terapias atuam em todas as faixas etárias, tanto no âmbito preventivo como terapêutico. Intervêm, igualmente, num largo leque de situações clínicas, mas com objetivos ajustados à especificidade de cada área. Por esta razão é frequente encontrarmos casos que beneficiam da ação conjunta de dois dos profissionais de saúde supracitados.

Independentemente do profissional, não deve ser descurado o percurso metodológico, o qual tem o seu início numa avaliação ecológica, passando pela definição dos objetivos e finalizando-se com a reavaliação do trabalho realizado. Todo este percurso metodológico deve contar com a participação do indivíduo e, eventualmente, da sua família (Bronfenbrenner, 2005; Stucki & Sangha, 1998).

A maioria dos planos de estudos das licenciaturas já mencionadas contempla uma unidade curricular relacionada com a intervenção em meio aquático, no 1º ou no 2º ciclo de estudos, mas não de forma exclusiva. Quer isto dizer que, frequentemente, encontramos unidades curriculares nas quais são abordadas diferentes formas e metodologias de intervenção, entre as quais a intervenção em meio aquático.

Com o Processo de Bolonha, em 1999, criaram-se três níveis de ensino (com as mesmas designações já existentes, i.e., licenciatura, mestrado e doutoramento) com durações mais curtas e flexíveis. Se por um lado este processo tinha como objetivo potenciar a mobilidade e a empregabilidade no espaço europeu, por outro veio reduzir as horas de contacto direto dos alunos, na maioria das unidades curriculares.

Assim, perante esta insuficiência de horas de contacto na formação de base, os futuros profissionais nem sempre se conseguem aperceber das áreas onde deverão investir mais, da necessidade de continuarem a investir na sua formação aquática, após o término da sua licenciatura. Nesse sentido, o mercado privado possui já uma oferta formativa alargada.

FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA

Para além da formação providenciada por entidades de ensino superior, encontra-se disponível uma oferta formativa de cursos de diversas durações. Destes, apenas foram encontradas algumas pós-graduações no âmbito do treino terapêutico, as quais dedicam alguns módulos à intervenção em meio aquático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente da formação de cada profissional e/ou das técnicas utilizadas, uma das suas principais funções é providenciar ao indivíduo conforto na água. No entanto, o profissional de saúde que trabalha em água deverá desenvolver duas vertentes na sua formação: uma, pessoal, e outra técnica.

Na primeira, relacionada com o desenvolvimento pessoal, com o reconhecimento não só das próprias fragilidades, mas também das suas competências enquanto pessoa. Com o dever ser capaz de avaliar o impacto que terá no indivíduo com quem irá intervir, assim como perceber o impacto que este terá em si.

Na vertente técnica, objetiva-se a aprendizagem e aperfeiçoamento das diferentes técnicas específicas da sua profissão, a experiência de vivências corporais que lhe permitam um maior (e melhor) desenvolvimento da comunicação não verbal. E, finalmente, o respeito pelos princípios éticos e biomédicos inerentes à intervenção terapêutica em meio aquático (Fraile, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In: U. Bronfenbrenner (Org.). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*, p. 3-15. Thousand Oaks-CA, Sage.
- Fraile, M. (2015). Principios básicos y fundamentos de la terapia acuática. In J. Rodriguez, M. Fraile & C. Peñas (eds). *Terapia acuática*. Barcelona: Elsevier.
- Matias, A. (2005). Terapia psicomotora em meio aquático. *A Psicomotricidade*, 8, 68-76.
- Potel, C. (2015). *L'eau, une médiation thérapeutique transitionnelle*. Consultado em Revista de Psicomotricidad: <http://revistadepsicomotricidad.blogspot.com/2015/01/leau-une-mediation-therapeutique.html>.
- Stucki, G. & Sangha, O. (1998). Principles of rehabilitation. In J. Klippel & P. Dieppe (eds). *Rheumatology*. (2nd ed.). Londres: Mosby.